

Gaza: da tempestade de Al-Aqsa ao genocídio

BARBARA CARAMURU TELES

HELENA DE MORAIS MANFRINATO OTHMAN

RESUMO: Este artigo busca, a partir de uma perspectiva antropológica e historiográfica, sob uma análise de longa duração, compreender como se consolidou e quais os desdobramentos do colonialismo na atual Palestina. Adotaremos uma metodologia que intersecciona etnografia e historiografia, e traremos uma visão a contrapelo, produzida por pessoas palestinas, a partir da mídia contrahegemônica.

PALAVRAS-CHAVE: Palestina. Colonialismo. Orientalismo. Apartheid. Genocídio.



Gaza: From the Al-Aqsa Storm to Genocide

ABSTRACT: This article aims, from an anthropological and historiographical perspective, under a long-term analysis, to understand how it was consolidated and the consequences of colonialism in current Palestine. We will adopt a methodology that intersects ethnography and historiography, and we will bring a counter-polar vision, produced by Palestinian people, based on the counter-hegemonic media.

KEYWORDS: Palestine. Colonialism. Orientalism. Apartheid. Genocide.

BARBARA CARAMURU TELES

Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC/ Atualmente realiza estágio de pós-doutorado na Universidade Federal do Paraná, UFPR. Professora (substituta) na UFPR. E-mail: b.caramuru@ufpr.br

HELENA DE MORAIS MANFRINATO OTHMAN

Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Atualmente é pesquisadora associada do CEBRAP. Email: manfrinatocso@gmail.com

DATA DE ENVIO: 03/02/2024

DATA DE APROVAÇÃO: 15/03/2024

1 Introdução

“A situação na Palestina é devido ao exército [israelense] apoiando os colonos judeus. Faz alguns meses ou mais atacam as cidades palestinas, os bairros, queimam a plantação de trigo, queimam árvore de azeitona. Como eles têm agora o feriado deles, entraram na Mesquita de Al-Aqsa com o ministro deles... ministro da direita sionista e explodiu a situação. Não tem como. Hoje eu estava em Belém na casa da minha mãe e acordamos com estas notícias. (...) Lógico a situação está grave e essa perda do governo de Israel e dos sionistas e essa guerra, faz 50 anos [relembra], desde 1973, a guerra contra Egito, Síria e estado israelense [faz menção à Guerra do Youm Kippur], naquela época. A situação esta greve, amanhã não tem escolas, eu também não vou trabalhar porque a Palestina está em luto. O governo sionista estava em reunião agora com o ministro do exército de Israel e Israel continua atacando a Faixa de Gaza. O mundo surdo, mudo, apoiando os sionistas e o governo de Israel que tem direito a defesa e nós a gente não tem esse direito [a defesa]! (Entrevista concedida por Hussein¹, 7 de outubro de 2023)

A fala de Hussein descreveu alguns acontecimentos antes de 7 de outubro ainda no início das tensões que levaram ao atual genocídio em Gaza e revela a brutal e rotinizada violência do Estado de Israel contra os palestinos. Ao mesmo tempo, coloca em contexto os eventos de 7 de outubro que, nesse sentido, devem ser entendidos à luz da violência colonial israelense. Três meses após o início da maior ofensiva militar em Gaza desde a Nakba, em 1948, os relatos ainda mantêm essas noções de resistência, mas agora estão atreladas, em face da destruição massiva sem precedentes de Gaza, a uma forte denúncia do genocídio, pedidos de cessar-fogo imediato e sanções internacionais a Israel pelos crimes de guerra.

1 Nome fictício foi dado pensando na segurança da vida do interlocutor que está na Palestina.

Este artigo parte da premissa de que a atual situação na Palestina, com ênfase em Gaza, não pode ser entendida como um evento *sui generis*, mas parte de um processo de limpeza étnica e expulsão dos palestinos, extensamente analisado por historiadores como Masalha (2021), Khalid (2009; 2020) e Pappé (2016). Devemos contextualizar os eventos dos últimos 100 dias em relação a sua historicidade e aos paradigmas da “limpeza étnica” (idem) e do “colonialismo”, sem os quais mantêm-se as mistificações dos paradigmas da guerra (que supõe dois Estados/exércitos) utilizados pelos meios de comunicação ocidentais. Mais do que isso, servem como contraponto aos discursos hegemônicos que inscrevem Israel em uma ordem político-jurídica legítima e democrática, e os palestinos como violentos e ameaçadores dessa mesma ordem. Na contramão, pessoas palestinas vêm produzindo uma narrativa contra hegemônica por meio da circulação de narrativas, vídeos e fotografias que fornecem um corpo de informações alternativo.

Portanto, esse artigo apresenta os fatos recentes, de outubro de 2023, para então, posteriormente fazer uma regressão temporal, de forma a entender o contexto colonialista das últimas décadas, em Gaza, na Palestina. Esse será o pano de fundo em relação ao qual analisaremos em um segundo momento, focando na construção de Gaza como o lugar do *outro*, que ora se confunde com acusações de terrorismo, ora como vítimas anônimas, onde as regras de violência, perda e luto, se aplicam de modo distinto aos corpos brancos e ocidentais

Por fim, encerramos com as contranarraivas, repensando noções de outreiridade, anunciando uma mudança paradigmática na percepção do público, tanto pela vasta documentação dos próprios palestinos, seus jornalistas e ativistas digitais, da agressão israelense, quanto pela violência genocida sem precedentes adotada por Israel contra Gaza. É possível afirmar agora que a vasta documentação e testemunho videográfico da destruição que Israel tem conduzido em Gaza, ações que são pontuadas pelas falas públicas de ministros e vídeos produzidos para o *Tik Tok* pelos soldados da IDF, produziram uma ruptura na opinião pública sobre Israel/Palestina. Não apenas sobre o que está acontecendo em Gaza, mas também sobre sua profundidade histórica colonial.

2 Inundação de Al-Aqsa e desdobramentos

Em outubro de 2023, durante práticas religiosas do feriado judeu (Sukkot), movimentos extremistas e o exército israelense atacaram pessoas palestinas em Jerusalém, ocupando por dias a Mesquita Al-Aqsa. No dia 3 de outubro colonos fecharam a ala sul da mesquita, permitindo a entrada de um contingente de 500 a 600 colonos israelenses na mesquita. No dia 5, chegaram milhares de israelenses, que ocuparam toda a área. No dia 6 de outubro, o Estado de Israel fechou todo o território palestino, impedindo palestinos de irem e virem (MEMO, 2023). Houve também invasão de colonos na Mesquita de Abraão, na cidade de Hebron, agressões e até assassinatos de palestinos.

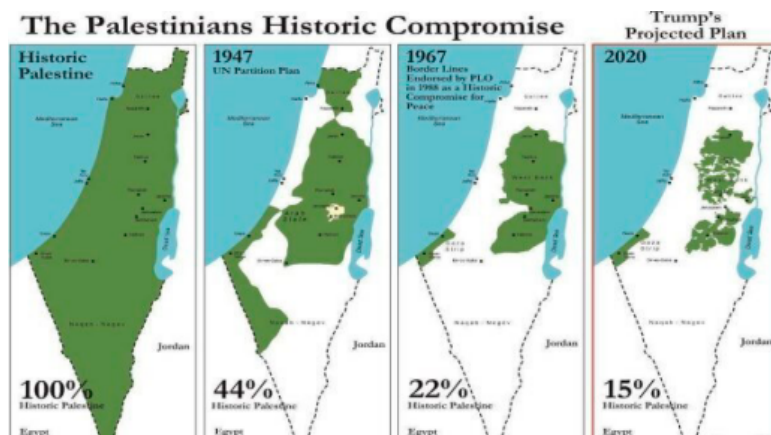
Cenas de violência protagonizadas por colonos e soldados israelenses nos locais sagrados islâmicos não são eventos isolados. A mesquita Al-Aqsa, em particular, é constante palco desses abusos. O local é um dos mais sagrados e importantes para os muçulmanos, e, portanto, um alvo “perfeito” para as ofensivas coloniais israelenses. É importante que se diga que Jerusalém é uma cidade sagrada também para cristãos, que são igualmente alvos de ataques de colonos e soldados, que circulam ostensivamente pelo local.

Em um plano geopolítico, o governo da Arábia Saudita se preparava para normalizar as relações políticas e econômicas com o Estado de Israel, seguindo os passos de outros países do Golfo como Bahrein e Emirados Árabes Unidos, o que fortaleceria tanto os interesses israelenses quanto americanos na região, em contraposição aos interesses do Irã e Rússia, e, em uma escala local, deixaria os palestinos em uma situação muito mais vulnerável em relação à ocupação.

Lembremos que em julho de 2020, é colocado em prática um novo plano de Anexação da Palestina: 30% da Cisjordânia e a margem norte do Mar Morto (e o vale do Rio Jordão), foi ocupada por assentamentos ilegais. O “plano” chamado “Acordos do Século” pelo então presidente dos EUA, à época Donald Trump, era unilateral, desconsiderando completamente os protestos de organizações palestinas, da população e da Autoridade Nacional Palestina (ANP). Tal projeto foi recebido como uma violação dos

direitos internacionais, e um meio para legitimar a ocupação ilegal de terras palestinas, que lograria, em última instância, a limpeza étnica.

Figura 1



Fonte: Tehran Times ²

O relator especial da Organização das Nações Unidas (ONU), Michael Lynk, afirmou que “o direito internacional é muito claro: a anexação e a conquista territoriais são proibidas pela Carta das Nações Unidas” e “o Conselho de Segurança, começando com a Resolução 242, em novembro de 1967, afirmou expressamente a inadmissibilidade da aquisição de território por guerra ou força em oito ocasiões, mais recentemente em 2016” (Behs, 2020).

É nesse contexto que o grupo político Hamas, mais especificamente seu braço militar, as Brigadas Al-Qassam declararam uma operação de retomada e resistência, denominada *Operation Al-Aqsa Flood* (Operação Inundação/Tempestade de Al-Aqsa). O grupo conseguiu romper pontos do bloqueio terrestre, ocupando postos militares, rendendo soldados e acessando documentos da inteligência israelense. Ao mesmo tempo, pousaram paraquedistas

² Disponível em: <https://www.tehrantimes.com/news/444783/The-examination-of-the-map-that-Trump-released-for-Palestine>. Acesso em: dez. 2022

em um festival israelense de música, que se passava há 7km de Gaza. O festival foi concebido para que os soldados israelenses (mas não exclusivamente) “escapem dos traumas de guerra” com música e uso de substâncias psicodélicas. O Hamas conseguiu entrar em assentamentos israelenses, rendendo colonos israelenses, que mais tarde seriam trocados por prisioneiros palestinos na Cisjordânia. Há relatos de que na intensa troca de fogo com soldados da IDF e polícia, muitos israelenses morreram, tanto no festival, quanto nos colonatos.

A reação das forças de ocupação e militares de Israel foram brutais, tanto no contato terrestre com o Hamas – com relatos de inúmeros mortos israelenses por “fogo amigo” –, quanto nos bombardeios aéreos em Gaza. Os eventos do 7 de outubro e o envolvimento de Israel na morte de civis israelenses ainda está se desenrolando, vide a denúncia da África do Sul na Corte Internacional sobre o genocídio do povo palestino em Gaza.

Esses ataques foram considerados sem precedentes e uma derrota para o sistema de inteligência israelense desde a ocupação da Palestina. Temendo uma escalada rápida e uma resposta brutal contra a população civil de Gaza, organizações palestinas, bem como seu governo, emitiram notas públicas ainda nos primeiros dias após o início dos eventos:

“O ciclo de violência e ataques de colonos não parou durante sete décadas. Não haverá paz nem estabilidade até que termine a ocupação israelense, responsável pela continuação do conflito. O extremismo e o racismo aumentarão a taxa de violência. Israel deve respeitar o direito internacional e reconhecer os direitos nacionais legítimos e inalienáveis do povo palestino: o seu direito ao seu Estado independente e viável, com Jerusalém como capital, de acordo com as resoluções e entendimentos de legitimidade internacional. Nem a violência, a agressão, nem o racismo acabarão com esta anomalia: a ocupação” (Embaixada Palestina do Brasil, 2023).³

3 Nota do Ministério de Relações Exteriores e expatriados da Palestina, compartilhada pela embaixada com a pesquisadora.

Já a Federação Palestina do Brasil, FEPAL, publicou em nota nas redes sociais:

“A RESISTÊNCIA PALESTINA VIVE – e ela é justa e legal de acordo com o Direito Internacional. Hoje é um dia histórico. Após 76 anos de colonialismo, genocídio e limpeza étnica, os palestinos fazem valer seu direito à autodefesa, reagindo às políticas de extermínio sionistas. Lembrando que dos dois milhões de palestinos presos em Gaza e da situação de precariedade” (FEPAL, 2023).

Em seu discurso eles acionam a narrativa reiterada pela Resolução 37/43 de 1982 da ONU que garante o direito de defesa previsto pela ONU, reiterando que a ação é “uma resposta ao processo de limpeza étnica” e que “a resistência palestina é justa e legal, de acordo com o direito internacional...Faz valer seu direito de auto-defesa” (FEPAL, 2023).

O primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu declarou “guerra contra o Hamas” (BDF, 2023). Nos últimos três meses, realizou ataques aéreos sistemáticos e massivos sobre Gaza, se valendo da prática do *carpet bombing*, que cobre áreas densamente povoadas com o objetivo de causar danos em áreas extensas, com 25 milhões de toneladas de bombas despejadas sobre Gaza. Além disso, Israel está conduzindo uma das maiores operações terrestres em território palestino: pelo menos 300 mil soldados israelenses, centenas de tanques, veículos para transporte de tropas e *bulldozers* ocupam principalmente o norte e o litoral de Gaza.

A Organização das Nações Unidas (ONU) relatou no início do ano de 2024, entre duas a três dezenas de milhares de mortes e a estimativa local é de mais de 60 mil feridos, assim como as milhares de pessoas que jazem sob escombros (ONU, 2024). Além disso, Israel destruiu a maior parte das quatro dezenas de hospitais de Gaza, além de escolas, prédios oficiais do governo de Gaza, cartórios (onde figuram registros de nascimento e propriedade dos palestinos de Gaza), as estruturas de telecomunicações (redações de jornais, torres de transmissão), universidades (não apenas por bombardeios, mas demolição terrestre), laboratórios de pesquisa,

grandes blocos residenciais, mesquitas e igrejas cristãs, bancos. Esse nível de destruição não está sendo apenas documentado pelos palestinos de Gaza munidos de seus celulares, mas jornalistas, organizações humanitárias, governo de Gaza e pelos próprios soldados, que filmam e postam nas suas redes sociais. Para alguns grupos de pessoas palestinas com quem conversamos no início de outubro de 2023, este era um momento histórico de retomada das terras e luta anticolonial. Para os palestinos que saíram de Gaza após o furo do bloqueio pelo Hamas, foi a primeira vez que colocaram os pés em seus territórios ancestrais. No plano das posições oficiais, o presidente da Autoridade Palestina, Mahmoud Abbas, lançou uma nota afirmando ser legítima a defesa contra os crimes de Israel, mas passou a criticar o governo do Hamas, reforçando seu histórico antagonismo (AL-JAZEERA, 2023). O primeiro-ministro do Hamas, Ismaïl Haniyeh, que se encontra agora no Qatar, afirmou ser essa uma Revolução árabe, que começa dia 7 de outubro, acompanhado do apoio da Jihad Islâmica, outro grupo militar de Gaza.

Há que se considerar a pluralidade política palestina e o fato de o Hamas ser um partido político que embora tenha adeptos na Cisjordânia e na diáspora palestina, possui uma concentração de membros em Gaza. Como toda comunidade política, há dissidência, crítica, apoio e oposição, alinhamentos políticos de acordo com interesses e aspirações ideológicas. O que é um ponto em comum, sem dúvida, é a afirmação de que o regime colonial imposto aos palestinos há 76 anos opera a partir de uma *rationale* de tomada de terras, controle demográfico (valendo-se, inclusive, de ataques militares) e subjugação do povo palestino.

3 O contexto colonialista em Gaza

Após os Acordos de Oslo, assinados na década de 1990 por Yasser Arafat, líder do partido Fatah e da Organização pela Libertação da Palestina (OLP), havia a previsão de algumas medidas tais como a criação da Autoridade Palestina, reconhecimento da Palestina nos marcos de 1967 e desocupação de determinadas regiões tais como Gaza. Embora parte significativa destes acordos não tenham sido efetivadas pelo Estado de Israel, e sejam

contestados por uma parcela dos palestinos, houve a desocupação da Faixa de Gaza em 2005 (SAID, 1996).

Em 2006, ocorreram eleições em Gaza, tendo sido eleito o partido Hamas. O Hamas é um partido político islâmico, fundado em 1987, no contexto da Primeira Intifada. Sua origem está atrelada à Irmandade Muçulmana do Egito e à decepção política em relação aos Acordos de Oslo e a expansão da ocupação israelense. Os principais aliados do Hamas, atualmente, são Turquia, o grupo libanês Hezbollah e o Irã. Seu governo fora de Gaza está sediado atualmente no Qatar, por razões de segurança, haja vista que Gaza é sitiada militarmente e é alvo constante de bombardeios e assassinatos políticos.⁴

Em vista dessa vitória nas urnas, Israel instaurou um bloqueio com o apoio do Egito em seu lado da fronteira.⁵ A ação é considerada ilegal e configura “crime contra a humanidade”, segundo a lei internacional, por submeter uma população coletivamente a dificuldades de sobrevivência e à punição coletiva. O bloqueio acabou por empurrar Gaza para a miséria, que passou a apresentar índices sociais e econômicos críticos, segundo os padrões recomendados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Organização Pan-Americana de Saúde (AGÊNCIA BRASIL, 2024).

Gaza está fechada há mais de 15 anos, atualmente a população ultrapassa a marca de 2 milhões de pessoas vivendo em situação de grave crise humanitária: a taxa de desemprego está estimada em 82%, e 56% da população vive na pobreza (MEMO, 2023). A realidade de Gaza é alvo de denúncias de organismos internacionais como a Human Rights Watch, Anistia Internacional e ONU.

Segundo relatórios das organizações de direitos humanos Human Rights Watch e B'tselém, a situação na Palestina é reconhecidamente uma situação de *Apartheid*, (HRW, 2021) que implica segregação racial, social e econômica, conceito criado pelo governo da África do Sul contra a população negra do país. “De

4 Antes era na Síria. Depois da guerra civil, sua sede mudou para o Qatar.

5 Para Israel, este cerco militar serve a muitos propósitos, mas particularmente, é uma importante forma de controle do território continuado entre a Faixa de Gaza e a Cisjordânia.

acordo com o direito internacional, o *apartheid* é um crime de lesa humanidade, que consiste em que um grupo racial oprime sistematicamente e institucionalizadamente a outro grupo racial” (CHAHIN apud ANONIMIZADO, 2023). Vejamos,

A OUA, literalmente, considerou a QP uma “Questão Africana” e de “luta heroica contra o sionismo e o racismo”. A posição da entidade foi, gradativamente, endurecendo a partir da ocupação e colonização dos territórios palestinos e árabes por Israel, de 1967 em diante. O país foi incluído no conjunto formado por regimes “colonialistas e racistas”, como as colônias portuguesas, Rodésia, África do Sul e sua ocupação da Namíbia. Suas ações, cujo objetivo seria a “judaização” do espaço, são descritas com base nos termos da Declaração de 1960, como “expansão agressiva” e “anexação”, que negam os direitos nacionais, liberdade, soberania e integridade territorial dos palestinos, ameaçando a paz e segurança regional e global, não tendo “precedentes nos anais da história, mesmo nos mais brutais regimes colonialistas”. A ofensiva anticolonial conjunta extrapolou os limites da OUA, culminando na aprovação pela AG-ONU de resoluções condenatórias, como a 3151 G (XXVIII), de 1973, denunciando a “aliança maldita” entre o “sionismo e imperialismo israelense” e os regimes coloniais e de *apartheid* no sul da África, e na 3379 (1975), considerando o sionismo uma forma de racismo (SAHD; ANONIMIZADO, 2022, p. 13-14).

Essa prática não começou em Gaza, evidentemente. A nova historiografia israelense, em particular, Illan Pappé, mergulhou nos arquivos militares do período da ocupação (1948), percorrendo seus eventos e procedimentos que o fizeram concluir que os palestinos foram vítimas de uma operação de limpeza étnica (Pappé, 2016). Outros autores, por sua vez, a partir de testemunhos e conceitos articulados pelos próprios palestinos que vivem sob a ocupação há 76 anos, derivaram a noção de *ongoing Nakba*, para expressar a continuidade da violência colonial iniciada em 1948. A população palestina nunca foi de fato constituída como uma sociedade civil, com acesso à direitos e um Estado de fato. (ESMEIR, 2023).

Como sugere Masalha, desde os primórdios do sionismo como um movimento político organizado previu-se a criação de lar judeu na Palestina desconsiderando a existência de uma população local (MASALHA, 2021, p.21).

“A limpeza étnica é uma política bem definida de um determinado grupo de pessoas para sistematicamente eliminar de um dado território outro grupo, com base à religião ou origem étnica ou nacional. Tal política envolve violência e muito frequentemente está ligada a operações militares. Deve ser cumprida por todos os meios possíveis, desde a discriminação até o extermínio, e acarreta a violação dos direitos humanos e da lei humanitária internacional...A maioria dos métodos de limpeza étnica é grave violação das Convenções de Genebra de 1949 e dos protocolos adicionais de 1977” (Drazen Petrovic, *Ethnic Cleansing – An Attempt at Methodology*”, *European Journal of International Law*, 5/3 (1994), pp. 342-60 *apud* Pappé, 2016, p. 21).

Foi neste escopo, da criação de um lar judeu na Palestina, que ocorreu a retirada forçada dos palestinos e a ocupação de seu território. Neste sentido, a política sionista sempre esteve pautada em práticas de discriminação, segregação e até extermínio dos palestinos, como veremos a seguir na retomada histórica da ocupação, e nas políticas de extermínio na Faixa de Gaza, que sofreu sucessivos ataques ao longo dos anos. Entre os mais brutais se encontram os ocorridos de 27 de dezembro de 2008 e 18 de janeiro de 2009. O Human Rights Watch acusou Israel de uso de fósforo branco como armamento. O Centro Palestino de Direitos Humanos declarou que 1.434 palestinos/as foram mortos, incluindo 960 civis, 239 policiais e 235 militantes. No ano de 2012, houve o assassinato do líder do Hamas, Ahmed Said al-Jabari, e as ofensivas que sucederam em Gaza deixaram um contingente de 180 mortos e 1.300 feridos. Entre julho e agosto de 2014, o sequestro e a morte de três jovens israelenses foram atribuídos ao Hamas, mas isso foi nunca provado, tampouco assumido pelo grupo. Em “retaliação”, extremistas israelenses sequestraram e mataram o adolescente palestino Mohammed Abu Khdeir. Além disso, foi o “pretexto” para Israel bombardear Gaza, em um episódio que resultou no assassinato

de 2.322 pessoas, deixando 11.000 feridos nos 51 dias de ataque. Em 2019, um ataque de drone israelense matou o líder da brigada Al-Quds, Abu Al-Atta. Neste contexto, estima-se a morte de 34 palestinos e 100 feridos (AL JAZEERA, 2019).

Em 2021, foram realizadas invasões à Esplanada das Mesquitas em pleno mês do Ramadan, além de uma série de ordens de despejo a palestinos de Jerusalém Oriental (em Sheikh Jarrah), em continuidade com a política de anexação territorial. Em resposta a esses ataques, o Hamas realizou a operação Espada de Jerusalém, com bombardeios aéreos em Tel Aviv, que resultaram em 13 israelenses mortos. Por sua vez, Israel atacou Gaza por 11 dias consecutivos, matando – segundo dados do Alto Comissariado das Nações Unidas – 261 palestinos, incluindo 67 crianças e 41 mulheres, deixando mais de 2.200 feridos.

A repetição de assassinatos políticos e ataques aéreos, realizados de tempos em tempos, mostra um padrão que pode ser definido com o que Mbembe (2018) nomeou de necropolítica. Derivado do conceito foucaultiano de biopolítica – que designa o governo da vida de uma população (natalidade, alimentação, higiene) – o conceito de necropolítica designaria uma política onde o Estado ocupante exerce políticas de morte para com a população colonizada.

Como ilustra o caso palestino, a ocupação colonial contemporânea é um encadeamento de vários poderes: disciplinar, biopolítico e necropolítico. A combinação dos três possibilita ao poder colonial a dominação absoluta sobre os habitantes do território ocupado. O “estado de sítio” em si é uma instituição militar. Ele permite uma modalidade de crime que não faz distinção entre o inimigo interno e o externo. Populações inteiras são alvo do soberano. As vilas e cidades situadas são cercadas do mundo. A vida cotidiana é militarizada. (MBEMBE, 2018, p. 48)

4 Gaza: o lugar do outro

Ainda que a situação de Gaza, e todos os fatos apresentados pela história da ocupação e regime de governança da vida na Palestina ocupada, revele um sistema brutal de *apartheid* – com

a contínua expansão de colônias de assentamento, expropriação de terras e recursos dos palestinos, controle de mobilidade e liberdade a partir de construção de checkpoints e detenções administrativas de palestinos (muitos menores de idade) em prisões israelenses, para não falar de bombardeios e assassinatos –, a comunidade internacional não dá sinais de impedir que o Estado de Israel perpetue seu regime de terror. Em um mundo pós-Segunda Guerra Mundial, com a emergência de um copo de leis, um Tribunal Internacional, e uma comunidade internacional que deveria ser responsável por sancionar países que promovem massivas violações de direitos humanos, era de se esperar que Israel fosse sancionado. O que vemos, no entanto, é uma flagrante continuidade da violência e passividade do Ocidente sob o pretexto de defender a “única democracia do Oriente Médio” e sua população contra ameaças externas.

O que parece ser efetivo nesse caso é o que Edward Said (2007) chamou de orientalismo, um regime de saber e poder que vem servindo às forças colonialistas euro-americanas desde o século XIX, e que constroem o Oriente Médio como o lugar da barbárie, da opressão, do terrorismo que ameaça à “civilização ocidental”. Desse modo, suas contínuas invasões militares, ocupações, sanções e matança desenfreada podem ser justificadas aos olhos do público. Autoras como Judith Butler teorizaram a respeito dessas formas de enquadramentos que hierarquizam as vidas que importam e as vidas abjetas (2016; 2019). As primeiras seriam dignas de terem seus direitos assegurados, de serem dignas de luto e empatia, enquanto as segundas seriam dispensáveis.

O orientalismo há muito tempo se infiltrou nas redes televisivas (SAID, 1997) tornando-se o paradigma de enquadramento das notícias sobre essa parte do mundo. Isso formou, no público, uma percepção sobre populações, sobre o Islã e sobre a relação de antagonismo com o Ocidente. O público, que se entende como ocidental e pertencente a uma democracia moderna que inspire ideais de liberdade específicas, acaba por se entender dentro desse paradigma contra esse Oriente violento e atrasado. De fato, grandes redes de broadcasting, como CNN, Fox e BBC, espriam narrativas, notícias e imagens desse tipo para outras mídias, como

a brasileira, por exemplo (MOREIRA, 2004, 2009). De fato, a cobertura do Islã vem definindo as percepções dos brasileiros desde o 11 de setembro, modelando a percepção do público e produzindo reações de hostilidade e até perseguição contra pessoas muçulmanas no país.

No entanto, com a emergência da Internet e redes sociais, a dinâmica de circulação de notícias mudou, assim como a sua difusão, que passou de ser dos centros de notícias para o público para algo menos centralizado, ou então a partir de múltiplos centros de difusão de informação. Isso popularizou outras fontes de notícias, e, em particular, o trabalho de ativistas digitais palestinos e de outras nacionalidades árabes, colocando em circulação outro conjunto de informações, mas também de enquadramentos. Isso se revelou importante durante a Guerra da Síria, com a divulgação da imagem de Aylan Kurdi (HJARVARD, 2008; ANONIMIZADO, 2022), e seu enquadramento como uma crise humanitária.

O que acompanhamos agora, no que está sendo chamado de “genocídio televisionado” é algo de outra ordem, pois os palestinos, a população, mas também seus jornalistas e ativistas digitais, passaram a divulgar para o mundo o que está acontecendo com eles. Isso vem de outro com um momento de difusão e circulação de informação maior nas redes sociais. Os pesquisadores do tema vêm acompanhando a reação do público, não apenas nas redes, mas nas ruas, com bastante atenção.

5 A resistência nas ruas e nas redes

Podemos afirmar que este é um fenômeno recente no contexto da violência colonial na Palestina, isto é, a midiaticização dos ataques em Gaza, o deslocamento forçado de pessoas em direção ao sul da Faixa, e das mais de 34151 mortes, 77.084 feridos e 8.000 desaparecidos (AL JAZEERA, 2024a) (). Com a ascensão de novas tecnologias e redes sociais, plataformas como X (antigo Twitter), Facebook, Instagram e WhatsApp têm sido utilizadas de forma a divulgar e circular, em tempo real, os bombardeios, destruição de casas, mortes e desaparecidos de milhares de. Além dos dados fornecidos pelo Ministério da Saúde em Gaza, e organizações de

saúde como o Palestine Red Crescent Society (idem, ibidem), jornalistas, influencers e demais civis em Gaza tem registrado por meio de testemunho audiovisual o seu próprio *martírio*. A sua produção foi tal que as redes sociais e mídias passaram a nomear o que está se passando em Gaza como o “primeiro genocídio televisionado”. A circulação de imagens, vídeos e relatos da violência israelense contra Gaza tem impulsionado um ativismo internacional pelo fim do genocídio e dos bombardeios, bem como servido inclusive como argumentos e provas nos apelos a Corte Internacional de Haia.

Apesar da cobertura que estamos observando pelas denúncias na mídia contrahegemônica, e óbvia ausência nas mídias hegemônicas brasileiras, é notório a ausência de vozes palestinas, tanto aqui quanto em Gaza. Como é possível que suas vozes estejam apartadas do debate público, ou sejam constantemente atacadas em programas como o de Piers Morgan (Reino Unido) mostra como aparecem apenas como vítimas sem face ou então, terroristas. Seus relatos e vídeos, dados de hospitais e organizações humanitárias são colocados em xeque, em favor de outras narrativas que favorecem a imagem e atuação do governo de Israel, mesmo que os próprios não apresentem provas para tanto (INTERCEPT BRASIL 2024a; 2024b; NOTÍCIAS UOL 2024a),

Percebemos, entretanto, um aumento no volume de vozes brasileiras em solidariedade com os palestinos, enfatizando os aspectos violentos da ocupação colonial, produzindo sentidos de violência anticolonial. Organização de lobby sionista no Brasil como a Stand With Us e Conib ainda ocupam espaços de imenso destaque televisivo, e promovem uma contenção de danos à imagem de Israel e a veiculação dos discursos e interesses governamentais israelenses em território brasileiro.

Ao mesmo tempo, observamos a disseminação das narrativas desumanizantes sionistas, ao lado a documentação e testemunho em tempo real de seu próprio genocídio. Pelo que viemos monitorando nas redes sociais, os próprios vídeos de soldados e cidadãos israelenses nas redes sociais bem como os discursos de membros do governo israelense vêm contribuindo para uma tomada de consciência sobre os aspectos racistas, colonialistas e de incitação

ao genocídio presentes no *ethos* sionista. Observamos, nos últimos cem dias, a escalada da hubris colonial sionista, seu completo desprezo e ódio pelas vidas palestinas e uma absoluta arrogância em suas declarações: “animais humanos” (OPERA MUNDI, 2023), “jogar bombas atômicas em Gaza” (UOL NOTÍCIAS, 2023), “crianças das trevas e crianças da luz”. Soldados replicando discursos milenaristas que os incitam a matar “amalequitas” e conquistar não só Gaza, mas boa parte do território de vários países de fronteira (REVISTA FORUM, 2023).

Fora do governo, e em seu braço armado que expande a fronteira das colônias de assentamento, Daniella Weiss (BBC, 2024a) líder do movimento de colonos no Estado de Israel, declara que “Gaza precisa ser varrida para que os colonos tenham uma visão do mar”, revelando a profundidade e extensão da violência da mentalidade sionista. Matar bebês, matar crianças, destruir hospitais, universidades, mesquitas e toda a estrutura urbana. Os números de mortandade de mulheres e crianças não deixa que imaginemos um desejo de aniquilação de futuras gerações em Gaza: , 14 mil crianças e adolescentes mortos (AL JAZEERA, 2024a), 17 mil crianças desacompanhadas (por morte ou separação da família) (GLOBO, 2024), mais de mil crianças amputadas (FOLHA, 2024),. A imagem de “exército mais moral do mundo” que o Estado de Israel cultivou para si contrasta com a violência, desprezo e chacota expressa pelos soldados em Gaza: quebrando brinquedos de crianças, jogando diplomas, subtraindo itens pessoais como maquiagem e joias que serão oferecidos como presentes para namoradas e esposas.

A infraestrutura de Gaza está sendo devastada: áreas residenciais, ruas comerciais, universidades, mesquitas, campos agrícolas enquanto campos de barracas são erguidos em áreas próximas à fronteira Sul de Gaza (BBC, 2024b). Avalia-se que entre 144 mil e 175 mil edifícios em toda a Faixa foram danificados ou destruídos, representando em torno de 50% a 61% das edificações de Gaza (Idem, *ibidem*). As escolas da UNRWA foram bombardeadas, o que destrói a um só tempo, seus locais habituais de ensino fundamental e médio, mas também os abrigos temporários que muitas famílias estão usando, para não mencionar o extremo sofrimento

psíquico a que estão submetidas as crianças em Gaza agora, que torna impossível qualquer processo de aprendizado⁶ (NOTÍCIAS UOL, 2024b). A alta letalidade e violência contra jornalistas (AL JAZEERA, 2024b) socorristas, enfermeiros, médicos (AL JAZEERA, 2024c) e funcionários humanitários (PUBLICA, 2024) revela que não é só o tecido urbano e agrário que estrutura a vida de Gaza que está sendo destruído, mas a própria rede que os ajudaria a sobreviver sob ataque e condições de guerra.

6 Considerações finais

Os eventos recentes descritos neste artigo ainda estão se desenrolando, de modo que qualquer análise – neste momento – é inicial e será afetada pelos desdobramentos dos próximos eventos. Contudo, é possível afirmar, neste ponto, um crescimento da consciência sobre a Palestina, e sobre a natureza política do sionismo e sua campanha colonizadora e genocida contra os palestinos. Em várias grandes cidades no mundo, observaram-se massivas manifestações de rua (AL JAZEERA, 2024d), à revelia da campanha de censura e *blacklash* que manifestantes e palestinos estão sofrendo.

Em uma escala menor, mas relevante, observamos no Brasil um movimento semelhante, nas ruas e nas redes sociais, com o aumento de comentários sobre a ocupação israelense e sua sanha colonial. Expressões como “palestinos de 48”, “76 anos de ocupação”, “Palestina livre do Rio ao Mar” passaram a ser vistas com muito mais frequência do que se esperaria além do público especializado. Observaram-se também muitas reações de apoio à Israel e aos bombardeios, com frases de “que não falte pólvora à Israel” animadas por uma ética civilizacional cristã, que precisarão ser analisadas com dados mais extensos e robustos, mas que aqui

6 ⁸ 625 mil estudantes ficaram sem acesso à educação; 5.500 alunos, 261 professores do ensino primário e secundário 625 mil estudantes ficaram sem acesso à educação; 5.500 alunos, 261 professores do ensino primário e secundário e 95 professores universitários foram assassinados. Mais de 8.000 estudantes e 756 professores ficaram feridos (<https://horadopovo.com.br/bombas-de-netanyahu-destruiram-pelo-menos-80-das-escolas-em-gaza-denuncia-onu/>)

estão anunciadas. O que não se viu praticamente em lugar algum da imprensa brasileira foram os discursos e declarações do Hamas conduzidas por *Abu* Obaida, tampouco os discursos dos porta-vozes israelenses. Outro conjunto de notícias específicas foi divulgado, a maioria deles operações militares israelenses em Gaza e na Cisjordânia consideradas controversas, como o bombardeio do Hospital Al-Shifa e um ataque a outro Hospital na Cisjordânia.

As próprias redes ativistas palestinas, como a FEPAL, Juventude Sanaúd aliado a ativistas brasileiros como Thiago Ávila, Brigadas Verdade e Paz, parlamentares como Mônica Seixas tornaram-se defensores e produtores de conteúdo traduzido, que viram seu número de seguidores e compartilhamentos aumentarem desde a pandemia de Covid-19 pode-se perceber uma transição do *offline* para o *online* e aumento do ativismo político de palestinos e entidades palestinas nas redes digitais. Já nesse contexto, a FEPAL e Juventude Sanaúd passaram a exercer um forte ativismo digital, consistindo em campanhas políticas de conscientização, bem como propagação de notícias e informações sobre a Palestina. A nível de América Latina, entidades como a Confederação Palestina Latino-americana e do Caribe e a Federação Árabe também passam a exercer papéis similares (ANONIMIZADO, 2023).

De modo incrivelmente trágico, Gaza se abriu para o mundo. As pessoas passaram a conhecer seus jornalistas, como Motaz e Wael, ou ativistas digitais como Bizan e Saleh, e avôs como Abu Khaled, que perdeu seus netos, e cuja cena da despedida de Reem comoveu o mundo. As cenas das pessoas e do cotidiano de Gaza abalou significativamente as categorias atribuídas aos palestinos nas mídias israelenses e ocidentais, que os descrevem como “inimigo” e “terrorista”, enquadramentos que mascaram a violência colonial cotidiana e a assimetria política, econômica e militar entre Israel e Palestina.

Se por um lado tivemos um avanço significativo nas coberturas e contra narrativa nas mídias e redes sociais – que nos permitiram desocidentalizar a narrativa, em alguma medida –, por outro lado, os efeitos materiais desta contranarrativa ainda são poucos e o apoio internacional, no sentido efetivo, segue favorável a potência ocupante. O mais claro exemplo deste argumento foi a

recente decisão da corte de Haia que não sancionou um cessar-fogo imediato em Gaza, por parte de Israel. No que se refere ao pedido da África do Sul, reconhecendo um genocídio em curso e pedindo o fim das operações em Gaza, a Corte Internacional, em decisão no mês de janeiro de 2024, apenas recomendou que Israel “evitasse atos genocidas” (ONU, 2024), fato que acaba por manter inefetiva a ação internacional frente aos atos ocorridos contra mais de 60 mil pessoas palestinas no decorrer dos meses de outubro de 2023 a janeiro de 2024.

A lista de crimes, e as provas produzidas pelos próprios soldados e governo israelenses levou o país até o banco dos réus em Haia. Como resposta, Israel aumentou a violência no sul de Gaza, onde continua seu processo de destruição (assassinatos, queima de residências) e civis israelenses se deslocaram até a fronteira para impedir que caminhões de ajuda humanitária passassem (NOTÍCIAS UOL 2024c) Além disso, começaram uma campanha difamatória contra a UNRWA, agência da ONU para refugiados palestinos, no sentido de implicá-la nos eventos do 7 de outubro. Apesar dessa postura hostil apoiada por nações como EUA e Reino Unido, a opinião de especialistas no direito internacional afirma que a decisão de Haia aumentou consideravelmente o isolamento de Israel e que os países não poderão desconsiderar essa decisão nas suas relações com o país.

REFERÊNCIAS

ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. **Asylum and Migration**. Genebra, 2020. Disponível em: <<https://www.unhcr.org/asylum-and-migration.html>>. Acesso em: 10 maio 2020.

_____. **Donde trabaja/ América/ Chile**. Genebra, 2016. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/donde-trabaja/america/chile/>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

AGÊNCIA BRASIL. **Risco de fome catastrófica sobe para 1.1 milhão de palestinos em Gaza**. AGÊNCIA BRASIL. Brasília, 18 mar. 2024. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2024-03/risco-de-fome-catastrofica-sobe-para-11-milhao-de-palestinos-em-gaza#:~:text=Fome%20imminente&text=No%20Norte%20da%20Faixa%20de,vezes%20nos%20C3%BAltimos%2030%20dias>>. Acesso em: 22 abr. 2024.

AGENCIA PUBLICA. **Uma notícia sobre Gaza que não deve ser ignorada**. São Paulo: 12 de março de 2024. Disponível em: <https://apublica.org/2024/03/uma-noticia-sobre-gaza-que-nao-deve-ser-ignorada/> Acesso em: 22 abr. 2024.

AL JAZEERA. **Who was slain Islamic Jihad commander Bahaa Abu al-Ata?** Al Jazeera. Qatar, 12 nov 2019. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2019/11/12/who-was-slain-islamic-jihad-commander-bahaa-abu-al-ata>>. Acesso em: 22 abr. 2024.

_____. Israel-Gaza war in maps and charts: Live tracker. AJLabs. 22 abr. 2024a. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/longform/2023/10/9/israel-hamas-war-in-maps-and-charts-live-tracker>. Acessado em: 22 abri. 2024.

_____. Nearly 75% of journalists killed in 2023 died in Israel's war on Gaza: CPJ. 15 Feb 2024b. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2024/2/15/nearly-75-of-journalists-killed-in-2023-died-in-israels-war-on-gaza-cpj>. Acessado em: 22 abri. 2024.

_____. Israel's unrelenting war on Gaza healthcare requires urgent action. 14 fev. 2024c. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/opinions/2024/2/14/israels-unrelenting-war-on-gaza-healthcare-requires-urgent-action>. Acessado em: 22 abri. 2024.

_____. Thousands take part in pro-Palestine protests across the world 17 fev. 2024d. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2024/2/17/thousands-take-part-in-pro-palestine-protests-across-the-world>. Acessado em: 22 abri. 2024.

BBC News Brasil. Os colonos judeus que planejam construir assentamentos na orla de Gaza. BBC News Brasil. Cisjordânia, 25 mar. 2024a. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c72dn1471p2o>. Acessado em: 22 abri. 2024.

_____. BBC. Ao menos metade dos edifícios de Gaza foram danificados ou destruídos. BBC News Arabic. 31 janeiro 2024b. Disponível em: Acessado em: 22 abri. 2024.

BEHS, Edelberto. Palestina e israel. Acordo do Século é unilateral e fere resoluções da ONU, criticam religiosos. **Instituto Humanitas Unisinos**. São Leopoldo, 23 jun. 2020, Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/600245-acordo-do-seculo-e-unilateral-e-fere-resolucoes-da-onu-criticam-religiosos> Acessado em: 7 junho de 2022.

BDF. Israel declara guerra ao Hamas. **Brasil de Fato**. São Paulo: 09 out. 2023 Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/10/07/israel-declara-guerra-ao-hamas-e-ataques-ja-mataram-quase-200-palestinos> Acessado em 09 Out. 2023

BUTLER, Judith. **Vida precária**: Os poderes do luto e da violência. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

_____. **Quadros de Guerra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CHAHIN, N. S. **Ocupación y violaciones al derecho internacional en Palestina**: la respuesta del BDS. Dissertação (Mestrado em Estudios Avanzados em Derechos Humanos) - Instituto de Derechos Humanos "Bartolomé de las Casas", Universidad Carlos III de Madrid, 2018.

EMBAIXADA PALESTINA. **Ministério das Relações Exteriores Palestina**. Brasília, 2023. Disponível em: Disponível em: <http://embaixadapalestina.com.br>. Acessado em: 01 fev. 2024.

ESMEIR, Samera. **Dizer e pensar uma vida além do que o colonialismo de assentamento fez**. Editora Tabla. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://blog.editoratabla.com.br/dizer-e-pensar-uma-vida-alem-do-que-o-colonialismo-de-assentamento-fez/> Acesso em: 22 abri. 2024.

FEPAL, Federação Palestina do Brasil. Brasil, 07 out. 2023 Disponível em: <https://fepal.com.br/o-direito-a-autodefesa-dos-palestinos/> e <https://www.instagram.com/reel/CyG2HVsgK6/?igshid=MWZjMTM2ODFkZg==> Acessado em: 10 nov. 2023.

FEPAL, Federação Palestina do Brasil. Brasil, 07 out. 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CyG2HVsgK6/?igshid=MWZjMTM2ODFkZg%3D%3D> Acessado em 03 de Nov de 2023.

FOLHA DE SÃO PAULO. Mais de mil crianças tiveram membros amputados na Faixa de Gaza, diz Unicef. São Paulo, 04 jan. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2024/01/mais-de-mil-criancas-tiveram-membros-amputados-na-faixa-de-gaza-diz-unicef.shtml> Acessado em: 22 abri. 2024.

GLOBO. Guerra em Gaza, 6 meses: Maior vítima é infância palestina, que já soma 14 mil crianças e adolescentes mortos em 180 dias. Rio de Janeiro, 06 abr. 2024 (atualizado há 2 semanas). Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/especial/guerra-em-gaza-6-meses-maior-vitima-e-infancia-palestina-que-ja-soma-14-mil-criancas-e-adolescentes-mortos-em-180-dias.ghtml> Acessado em: 22 abri. 2024.

HJARVARD, Stig. The Mediatization of Society: A Theory of the Media as Agents of Social and Cultural Change. **Nordicom Review**, v. 29, n. 2, 2008, p. 105-134.

HUMAN RIGHTS WATCH (HRW). Israel: Fósforo branco usado em Gaza e no Líbano. **HRW**, 2023. Disponível em: <https://www.hrw.org/pt/news/2023/10/16/israel-white-phosphorus-used-gaza-lebanon>. Acessado em: 10 jan. 2023.

INTERCEPT Brasil. Entre o Martelo e a Bigorna: New York Times sustentou que o Hamas usou o estupro como arma contra Israel, mas há erros absurdos nessa reportagem. Intercept Brasil. São Paulo, 21 mar. 2024a. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2024/03/21/o-new-york-times-sustentou-que-o-hamas-usou-o-estupro-como-arma-contr-israel-mas-ha-erros-absurdos-nessa-reportagem/>. Acessado em: 22 abri. 2024.

KHALIDI, R. The hundred yera's war on Palestine. London: Profile Books, 2020.

_____. **Palestine Identity: the construction of Modern National Consciousness**. Columbia University Press: 2009.

_____. **Expulsão dos Palestinos**. São Paulo: Editora Sunderman, 2021.

MBEMBE, A. **Necropolítica: Biopoder, Soberania, Estado de Exceção, Política de morte**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MHADHBI, Amira. Os gráficos que mostram recordes de mortes e devastação do 1º mês da guerra Israel-Hamas. **BBC Arabic**, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cqeplqy3e3eo>>. Acesso em: 08 nov. 2023.

MEMO, Monitor do Oriente. Mais da metade dos palestinos sofrem de depressão alerta Banco Mundial. **Monitor do Oriente**. São Paulo, 19 jun. 2023. Disponível em: <https://www.monitordoorient.com/20230719-mais-da-metade-dos-palestinos-sofrem-de-depressao-alerta-banco-mundial/>>. Acesso em: 19 jun. 2023.

MEMO, Monitor do Oriente. Centenas de colonos ilegais invadem Al-Aqsa pelo quinto dia seguido. **Monitor do Oriente**. São Paulo, 1 out. 2023. Disponível em: <<https://www.monitordooriente.com/20231005-centenas-de-colonos-ilegais-invadem-al-aqsa-pelo-quinto-dia-seguido/>>. Acesso em 7 de out. de 2023.

MOREIRA, João Marcos. **Islã e Terror: estratégias de construção na mídia impressa**. 2009. 169 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

_____. **11 de setembro de 2001: construção de uma catástrofe nas primeiras páginas de jornais impressos**. 2004. 122 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

ONU. **Resolução 194**. 1948. Disponível em: <<https://www.unrwa.org/content/resolution-194>>. Acesso em: 3 jun. 2022.

_____. **Resolução 242**. 1967. Disponível em: <<https://documents-dds-ny.un.org/doc/RESOLUTION/GEN/NR0/241/30/PDF/NR024130.pdf?OpenElement>>. Acesso em: 3 jun. 2022.

_____. **Resolução 2334**. 2016. Disponível em: <<https://documents-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N16/463/94/PDF/N1646394.pdf?OpenElement>>. Acesso em: 3 jun. 2022.

_____. Situação humanitária “terrível” em Gaza vem se agravando, alerta chefe da ONU. **ONU News**, 2024. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2024/01/1826682>>. Acesso em: 31 jan. 2024.

_____. Corte Internacional determina que Israel evite atos genocidas. **ONU News**, 2024. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2024/01/1826832>>. Acesso em: 31 jan. 2024.

OPERA, MUNDI. ‘Estamos combatendo contra animais’: ministro israelense justifica cerco a Gaza com frase racista. Opera Mundi. São Paulo, 9 out. 2023. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/combate-mos-contra-animais-ministro-israelense-justifica-cerco-a-gaza-com-frase-racista/> Acessado em: 22 abri. 2024.

PAPPÉ, Ilan. A limpeza étnica da Palestina. Tradução de Luiz Gustavo Soares. São Paulo: Editora Sundermann, 2016.

REVISTA FORUM. Em discurso na TV Netanyahu dá a senha para o genocídio dos palestinos: ‘Amaleque’. Revista Forum. São Paulo, 29 out. 2023. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/global/2023/10/29/video-em-discurso-na-tv-netanyahu-da-senha-para-genocidio-dos-palestinos-amaleque-146803.html>>. Acessado em: 22 abri. 2024.

SAID, E. **Orientalismo:** O Ocidente como Invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **Peace and its discontents.** Essays on Palestine in the Middle East peace process. New York: Vintage Books, 1996.

_____. **Covering Islam:** How the Media and the Experts Determine How We See the Rest of the World. New York: Vintage Books, 1997.

UOL NOTÍCIAS. Ministro de Israel diz que bomba nuclear em Gaza é 'opção' e é suspenso por Netanyahu. São Paulo, 05 mar. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2023/11/05/ministro-de-israel-e-sancionado-apos-sugerir-uso-de-bomba-nuclear-em-gaza.htm>. Acessado em: 22 abri. 2024.

_____. Apuração alerta agência da ONU em Gaza, mas não confirma denúncia de Israel. São Paulo, 22 abr. 2024a. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2024/04/22/investigacao-revela-que-israel-nunca-provou-acusacoes-contr-agencia-da-onu.htm?cmpid=copiaecola>. Acessado em: 22 abri. 2024.

_____. Com escolas destruídas, crianças de Gaza têm um longo caminho pela frente. São Paulo, 05 abr. 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2024/04/05/com-escolas-destruidas-criancas-de-gaza-tem-um-longo-caminho-pela-frente.htm?cmpid=copiaecola>. Acessado em: 22 abri. 2024.

_____. Israelenses bloqueiam a entrada de ajuda humanitária em Gaza. São Paulo, 19 fev. 2024c. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2024/02/19/israelenses-bloqueiam-a-entrada-de-ajuda-humanitaria-em-gaza.htm>. Acessado em: 22 abri. 2024.